

ENTRE A MANUTENÇÃO E A RESISTÊNCIA: PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DO ESPORTE NO ORIENTE MÉDIO

HANIN MAJDI WALEED MUSTAFA KASSEM DAWUD*, EVELISE AMGARTEN QUITZAU**,
VIVIANE TEIXEIRA SILVEIRA***, MARCELO MORAES E SILVA****

Resumo: O presente ensaio busca analisar a inserção do esporte moderno no contexto do Oriente Médio entre os seus processos de colonização e busca por independência. O artigo aborda questões a respeito da partilha do Império Otomano entre potências europeias no século XX, estabelecendo um paralelo com o surgimento da Primavera Árabe no século XXI. Encontrou-se um palco de negociações entre governo e população diante da construção e gestão de identidades nacionais. Neste cenário, o ensaio conclui que a implantação do esporte moderno apareceu como um elemento importante em meio a uma trajetória de disputas.

Palavras-Chave: Esporte. Oriente Médio. Identidade Nacional.

Between maintenance and resistnace: processes of meaning of sport in the middle east

Abstract: This essay seeks to analyze the insertion of modern sport in the Middle Eastern context between its processes of colonization and search for independence. The article addresses issues regarding the partition of the Ottoman Empire among European powers in the 20th century, establishing a parallel with the emergence of the Arab Spring in the 21st century. It found a stage of negotiations between government and population in the face of constructing and managing national identities. Against this backdrop, the essay concludes that the implementation of modern sport appeared as an important element amidst a trajectory of disputes.

Keywords: Sport. Middle East. National Identity.

* Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Educação Física (UFPR). E-mail: hanindawud@hotmail.com

** Professora da Universidad de la República, Uruguai. Pesquisadora do Sistema Nacional de Investigadores da Agencia Nacional de Investigación e Innovación (SNI/ANII). Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Educação Física (Unicamp). Graduada em Educação Física (Unicamp). E-mail: eveliseaq@yahoo.com.br

*** Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina com período sanduíche na Université de Strasbourg. Mestre em Educação (UFPR). Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora do Sistema Nacional de Investigadores da Agencia Nacional de Investigación e Innovación/Uruguay (SNI/ANII). E-mail: vivianeteixeirasilveira@gmail.com

**** Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutorado em Educação na Unicamp. Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Graduação em Educação Física. Associado a Société Française D’Histoire du Sport (SFHS) e European Committee for the History of Sports (CESH). E-mail: moraes_mar@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O processo de constituição e desenvolvimento do esporte moderno no Oriente Médio trata-se de um fenômeno social complexo. De acordo com Amara (2012), tal manifestação foi estruturada a partir de vias históricas, ideológicas e culturais, mas aparece, também, como importante elemento na produção e contestação dos discursos empregados diante da emergência de uma reestruturação social após a colonização da chamada “missão civilizadora”, simulacro de um processo que reestruturou governos e fronteiras a partir de um discurso civilizador oriundo do continente europeu.

Hourani (2006) e Schiocchet (2011) argumentam que quando o Império Otomano teve seu território dividido entre as potências europeias (sobretudo França e Reino Unido) passou a seguir um modelo europeu de estados nacionais. Stevenson e Alaug (1997), Amara (2012; 2014), Khalidi (2006) e Dorsey (2016) indicam que foi nesse contexto que o esporte moderno foi introduzido na região como um dos elementos designados para sistematizar as estruturas políticas com a finalidade de promover a identificação com os novos estados nacionais. No interior dessas relações desdobram-se diversos e difusos processos de transculturação, ao que Hall (2011) descreveu como um entrelaçamento de diferentes elementos que, na prática, não são meramente assimilados na sociedade colonial, mas selecionados e frequentemente transformados pelos grupos subordinados.

A posse de colônias foi descrita por Hobsbawm (1988) como um *status* associado ao desenvolvimento das grandes potências. Kummels (2013) salienta que o esporte moderno por muito tempo culminou em estruturas eurocêntricas de dimensão global e que, no Oriente Médio, favoreceram ascensões geopolíticas para os colonizadores e para os colonizados por meio do que a autora, amparada nas obras de Allen Guttman, denominou de lógicas universalizantes do esporte. Essas características estabeleceram aproximações com a inserção do esporte moderno na região do então Império Otomano¹, no que se referem às conquistas coloniais das forças europeias.

Schiocchet (2011, p. 40) argumenta que dita reinvenção do Oriente Médio em estados nacionais ainda inscreveu o contexto histórico da região, “(...) marcadamente constituído em relação às potências coloniais europeias e o desenvolvimento de realidades nacionais atreladas à constituição e à manutenção dos estados nacionais locais”. Para o autor praticamente todos os conflitos no Oriente Médio, incluindo a Primavera Árabe, foram oriundos do processo histórico de construção de identidades nacionais iniciado pela colonização europeia.

Stevenson e Alaug (1997), Amara (2012; 2014), Khalidi (2006; 2014) e Dorsey (2016) relatam que a implantação do esporte moderno pelos recém-estabelecidos governos árabes no período pós-colonial correspondeu a uma tentativa de estabelecer-se politicamente e reforçar ideais de identidade nacional diante das novas fronteiras articuladas e delimitadas pelas novas alianças políticas. Nesse processo, conforme aponta Amara (2012), o esporte moderno percorreu um fluxo de forças políticas geradas na formação de estados nacionais. Encontra-se aqui um mecanismo que transitou entre a manutenção das fronteiras coloniais e incorporação das identidades nacionais face ao estabelecimento dos novos governos instituídos (servindo ao interesse dos conquistadores) e como espaço de organização de uma resistência às autoridades políticas atreladas ao passado colonial, uma “transculturação” da perspectiva prevista, hipótese principal sobre a qual este ensaio se debruça.

Diante dos pontos assinalados, o presente ensaio pretende responder à seguinte problemática: Como o esporte moderno contribui nos processos de construção e contestação das identidades nacionais no Oriente Médio? Neste sentido, o objetivo geral é compreender o papel do esporte moderno na sustentação de novas identidades nacionais no Oriente Médio e verificar sua possível transformação em um mecanismo de contestação marcado pela emergência de lutas de processos de descolonização. Por sua vez, os objetivos específicos são: a) compreender se o esporte moderno se transformou em um mecanismo de contestação na emergência da descolonização frente às novas identidades nacionais no Oriente Médio; b) tensionar as negociações atribuídas pelo Esporte moderno para sustentar medidas de colonização e/ou de independência.

O referido ensaio justifica-se, visto que o esporte, gradualmente incorporado na região denominada de Oriente Médio, estabeleceu-se sobre um paradigma político desde sua introdução neste local. Embora constituindo, de acordo com Kummels (2013), modelos alternativos para a secularização e a burocratização refletidos no esporte como um todo no Oriente Médio, seu

impacto readequou-se. Segundo Amara (2014), esse feito pairou entre transições políticas e vitórias esportivas, iluminando dinâmicas de expressão em tempos de crise. As referidas dinâmicas constituem-se em parte por políticas de desobstrução do nexo de conhecimento e do poder criado no entorno dos estereótipos culturais. Para Said (2008), o intercâmbio de discursos torna observável o emprego do locutor, e o diálogo esportivo é uma plataforma que também pode viabilizar tal composição.

Para a construção do presente texto utilizou-se da modalidade de ensaio. Mendes (2012) argumenta que a escrita ensaística intenta criar interpretações livres e que não precise necessariamente apresentar um *design* metodológico mais elaborado. Esse modelo significa “experiência”, “tentativa”, constituindo um espécime literário de contorno indefinível. Sendo assim, para construir os argumentos e reflexões aqui apresentados foram consultados diversos autores que centraram seus esforços em estudos sobre referida temática.

ORIENTE MÉDIO, RELAÇÃO COLONIAL E CRISE DE IDENTIDADE

Para compreender o processo de constituição do esporte moderno no contexto do Oriente Médio torna-se de fundamental importância visualizar num primeiro momento a relação colonial que a região sofreu. Sendo assim, cabe destacar que o Oriente Médio foi sendo retratado ao longo da história em meio a um amplo conjunto de generalizações que foram definindo um sistema de conhecimento literário, científico e erudito que transita sobre o próprio Oriente Médio e alcança a cultura geral, em uma prática facilmente identificada pela afirmação discursiva de um “nosso”, “deles”, “nós” e “outros”. Essa tendência é designada, segundo Said (2008), por distinções geográficas que são associadas à cultura, etnia e sociedade que, vinculadas ao Oriente, categorizam-se como aquilo que o autor denominou de “orientalismo”.

O Oriente tratado por Said (2008) corresponde ao Norte da África e Oriente Médio. O autor palestino descreve em seus estudos uma tendência invariável em que coexiste uma realidade objetiva e outra ficcional sobre essa região. A ficcional seria estrategicamente formulada, podendo ser inteiramente arbitrária, considerando que não é necessariamente reconhecida pela sociedade à qual se atribui essa distinção. Denominando-as como “orientalismo”, Said (2008) aponta ainda que as próprias distinções são categorizações de princípio colonial que seguem perspectivas ocidentais desde o império Romano, Bizantino e das Cruzadas, onde, de forma contundente, fabricou-se uma imagem de diferença que desencadeou uma espécie de “sabedoria belicosa² sobre a qual era conduzida uma dita “missão civilizadora” oriunda da Europa.

Nesse sentido, torna-se importante compreender o Oriente Médio enquanto uma área cultural, ao que Schiocchet (2011) descreveu como carregada de aproximações políticas, culturais e sociais através de seus processos históricos. O islã e os árabes influenciaram radicalmente essa região através da sua expansão constituída pelo domínio Otomano, um Estado monárquico que culminou no desenvolvimento político do Islã (HOURANI, 2006), marcado por um histórico de ocupações. Neste sentido, Schiocchet (2011, p. 46) observa que “(...) deve-se entender o Oriente Médio não apenas como formado por árabes muçulmanos, mas também por minorias étnicas e religiosas que hoje disputam espaço político complicando a arena política regional”.

A identidade árabe, de acordo com Schiocchet (2011), parte de uma perspectiva ontológica na qual as continuidades históricas imaginadas em toda essa região provocam uma consistência que se ressalta no pertencimento social e cultural³. Essas continuidades revelam associações entre fronteiras geográficas e políticas, o que liga a comunidade a uma “geografia imaginada” por ela mesma. Said (2008) sublinha que as concepções de “geografia imaginada” transformam-se e redefinem ideias de identidade e pertencimento, como uma espécie de memória política atrelada ao território. Dessa forma ambas as perspectivas refletem um marcador de uma consciência anterior à ruptura colonial.

Schiocchet (2011) argumenta que para entender o Oriente Médio a partir da ideia de continuidade histórica (que é definida pelo pertencimento), é necessário perpassar os projetos políticos colonialistas, sobretudo aqueles protagonizados por França e Reino Unido que acabaram por romper com o Império Otomano em 1923, colocando fim na organização político-territorial que representava os árabes de uma forma mais ampla naquele momento histórico.

Hourani (2006) aponta que os acordos politicamente firmados nesse período culminaram no crescimento do nacionalismo em setores elitizados da sociedade e que não corresponderam ao

interesse da população da região. Uma reinvenção do Oriente em Estados Nacionais estabeleceu novas fronteiras artificiais que, para Schiocchet (2011), não representavam nenhuma legitimidade entre os árabes, pois foram colonizadas através de mandatos e redistribuídas, resultando na partilha dos territórios otomanos entre potências europeias e obstruindo uma ordem narrativa, ou seja, a continuidade do imaginário geográfico da população.

(...) o processo de formação dos Estados nacionais no Oriente Médio não pode ser entendido como estando apenas relacionado ao período pós-colonial e as efetivas declarações de independência dos países que se conhece hoje. Fronteiras religiosas, étnicas e políticas já vêm sendo desenhadas séculos atrás - muito antes da invenção colonial europeia. Por outro lado, foram os mandatos e as colônias que trouxeram forma definitiva (ou quase) a grande maioria dos Estados-nações que os seguiram (SCHIOCCHET, 2011, p. 55).

Schiocchet (2011) ainda indica que essa redefinição de fronteiras sobre o escombros colonial foi feita a gosto do ocidente e das elites árabes e não foi bem aceita pela grande parcela das populações locais. Com isso, e diante de um processo de redefinição de fronteiras nacionais, várias regiões passaram a demandar independência e autonomia estatal e foi nesse contexto que o esporte moderno surgiu como um produto cultural a ser difundido nessa região do globo.

Hobsbawm (1988) descreve o Império Otomano como um respeitável território intercontinental, distinto dos anos que assistiram sua transformação em monarquias constitucionais e/ou repúblicas segundo o modelo ocidental. O autor indica que seu remapeamento marcou o fim de uma importante fase da história mundial. Como resultado surgiram discursos antagônicos característicos dos efeitos da reestruturação da identidade de um povo após um processo de independência, articulados tanto nos deslocamentos entre colonizador e colonizado como perante as rupturas percorridas pelos tratados e narrativas de dominação.

Esse retrato colonizador causou uma continuidade de desequilíbrios, onde uma nação quando adquire independência, não necessariamente rompe com a era colonial, mas fragmentada pela mudança estrutural gerou uma tensão que, segundo Schiocchet (2011), está ligada a processos históricos, políticos, sociais e econômicos do Oriente Médio que acarretam um processo de crise.

Com novos significados tanto nas disputas (anticoloniais), como na reconstituição das fronteiras antes redesenhadas pelo colonialismo europeu, elaborou-se uma reformulação dos Estados Nacionais (processo iniciado pela colonização europeia) e concepção de autonomia política através do Estado nação. Para Hobsbawm (1988), esta seria uma mera ideologia da libertação colonial que se constitui de uma herança dos impérios e emergência de uma descolonização.

Essa tendência pode ser percebida através de diferentes linguagens e discursos, em que o fenômeno do esporte moderno tem sido manifesto em diversas circunstâncias, conforme será explorado no próximo tópico.

UNIFICAÇÃO E MANUTENÇÃO: LEGITIMANDO ESTADOS NACIONAIS ATRAVÉS DO ESPORTE MODERNO

Neste momento de reformulação do Estados Nacionais, é possível perceber alguns desdobramentos do esporte moderno como meio de absorver novas identidades nacionais no Oriente Médio. Para Hourani (2006), tais movimentos coincidem com o período de transição entre o período colonial e o pós-colonial, situado entre a derrocada do Império Otomano em 1918 e o início dos processos de independências ocorrido sobretudo na década de 1960. Schiocchet (2011) aponta que esses processos de independência dos Estados como se conhece atualmente, em sua maioria, alcança seu auge em 1960 e se estendeu, em alguns casos, até 1971, gerando grandes mobilizações que persistem até a atualidade.

A partir da lógica da transculturação os governos coloniais realizaram operações políticas assimétricas empregadas através do fenômeno esportivo, apontado como um elemento de importância nos debates sobre identidade cultural e nacional árabe e utilizado como estratégia de integração. Nos estados da região do Golfo Pérsico, por exemplo, Henry, Amara e Al-Tauqui

(2003) citam registros da introdução do esporte moderno no interior de empresas multinacionais de petróleo e setores de imigração trabalhista na década de 1930. Tais arquivos, extraídos das empresas britânicas ali situadas ao fim da Segunda Guerra Mundial, demonstram o que os autores afirmam como configuração dos primeiros indícios de apropriação do esporte moderno que posteriormente culminaram com o desenvolvimento de inúmeras estratégias políticas em torno do fenômeno esportivo.

Durante os governos pós-coloniais, de forma consciente ou não, foi arquitetado um meio de unificação e resistência através do esporte que culminou na manutenção dos Estados Nacionais instituídos pela colonização. Isso ocorreu durante um processo de modernização das relações internacionais e busca por soberania (AMARA, 2014; KHALIDI; RAAB, 2017).

A partir dos anos 1960, segundo apontam as pesquisas de Amara (2012; 2014), os regimes políticos no Oriente Médio passaram a tratar o esporte como um meio de mobilizar a população em busca da legitimação de partidos, líderes políticos, famílias reais e identidades territoriais de forma a retratar uma posição política e cultural mais estabelecida. O autor afirma que essas características são bem evidentes ao analisar o desenvolvimento do esporte na Península Arábica, que serve também às demandas populares em movimento contrário ao regime como mobilizador de círculos de questionamento das lógicas políticas do mundo árabe.

Amara (2012) ainda salienta que o esporte carregou a imagem de modernidade e estabilidade, porém tentava também indicar ao mesmo tempo independência e unidade política nos diversos países do Oriente Médio. Sua abordagem foi utilizada como uma maneira de marcar um princípio de rompimento com o passado colonial e gerenciar o desejo popular por autonomia.

Pode-se constatar que o conceito de “cultura nacional” se enquadra na definição do esporte moderno em sua pretensão colonial sobre o Oriente Médio. Descrita por Hall (2011) como uma fonte de significados para as identidades culturais modernas, a cultura nacional substitui as formas de identificação das sociedades tradicionais. Em busca de uma universalização dominante, ela produz sentido sobre “a nação” através de um discurso que organiza as ações e concepções do indivíduo como pertencente a uma mesma narrativa identitária.

O esporte moderno, entendido a partir da noção de cultura nacional, representa um meio dominante de comunicação, capaz de sustentar imagens nacionais e ir ao encontro com o interesse dos governos (TERRET, 2019; MORAES E SILVA et al., 2020). Amara (2012) e Dorsey (2016) salientam que mesmo presente na cultura árabe séculos antes do colonialismo de forma a refletir particularidades da região, o esporte readequou-se diante das relações políticas árabes, tornando-se uma alternativa para o fomento das novas identidades arquitetadas ao longo da esteira colonial tornando-se um veículo promocional das novas fronteiras. A redefinição das fronteiras, tanto geográficas quanto políticas e culturais categorizou-se como uma referência interdependente da relação colonial. Nesse cenário a identidade foi renegociada na urgência da descolonização de uma nação, uma transição que carrega em si traços do exercício do poder colonial.

Ao seguir esse raciocínio, a inserção do esporte moderno no momento da definição de fronteiras e *status* de nação atribui um novo repertório à identidade na tentativa de estabelecer um processo de “descolonização” e independência que denota um reforço às novas fronteiras (coloniais) e líderes incumbidos. Amara (2012) indica que as ações esportivas se inclinaram a sustentar as novas identidades nacionais a partir de 1923 pela via do colonialismo e seu protetorado.

UNIFICAÇÃO-RESISTÊNCIA: AÇÕES ESPORTIVAS E CONFLITOS NA PALESTINA

De acordo com Stevenson e Alaug (1997), Amara (2012; 2014), Dorsey (2016) e Khalidi (2006; 2014), a introdução do esporte moderno nesta região do planeta aconteceu entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, principalmente por meio do futebol que atravessou rapidamente as escolas missionárias, ganhando as ruas de alguns países da região. Foi nesse período que ocorreu a institucionalização do esporte na região. Sorek (2003), ao analisar o contexto palestino, sinaliza para a fundação do primeiro clube esportivo em 1921, atrelado e caracterizado pela colonização europeia. O autor indica que a agremiação foi administrada por escolas do governo britânico na cidade de Jerusalém. Nessa temporalidade ainda se incluíam de forma conjunta árabes e judeus em sua composição, que foi denominada *Palestinian Football Association* (PFA).

Conforme Stevenson e Alaug (1997), Amara (2012) e Dorsey (2016), neste período o esporte foi um importante elemento para impulsionar os ideais coloniais britânicos sobre estes territórios. Especialmente durante a década de 1920, foi possível observar um movimento de expansão de clubes esportivos (majoritariamente de futebol, críquete e tênis), frequentados e promovidos pelas autoridades britânicas. Perante a transição da ocupação britânica para a instituição do Estado de Israel foi impulsionada, a partir de 1920, segundo aponta Schiocchet (2011), a imigração de um grande contingente de judeus de todo o mundo. Foi na esteira desses acontecimentos que o fenômeno do esporte moderno, segundo indica Khalidi (2014), cresceu em diversos países da região, como por exemplo, a Palestina.

Khalidi (2014) salienta que, gradualmente, a comunidade árabe local, principalmente sua elite, também passou a incorporar estas práticas, tornando os clubes esportivos espaços importantes para o desenvolvimento social de uma cultura nacionalista. Nesse sentido, pode-se afirmar que as décadas de 1920 e 1930 representam períodos importantes na institucionalização do esporte moderno nessa região.

A partir do final da década de 1920 e, sobretudo, no decênio seguinte, a institucionalização do esporte palestino tornou-se mais contundente. A primeira associação esportiva sionista formal, conhecida como *Maccabi*, foi considerada parte integrante do renascimento judeu em terras palestinas. Sorek (2003) salienta que tal entidade foi instituída em 1928 como meio de tecer relações internacionais em benefício do projeto de ocupação israelense. Nesse momento, o *Maccabi* ainda era filiado à *Palestinian Football Association* (PFA), pois apenas Estados reconhecidos poderiam ser aceitos como membros da FIFA e o Estado de Israel ainda não compunha o mapa mundial. Logo, conforme aponta o autor, equipes árabes e palestinas integravam conjuntamente a associação, bem como seus quadros eram compostos por atletas de ambas as origens.

Cohen (2011) salienta que em 1936 eclodiu contra o mandato britânico a grande revolta árabe. Essa ocasião ficou conhecida como o ápice do descontentamento dos palestinos com as políticas invasivas das autoridades mandatárias e do sionismo que estava em constante crescimento. O autor indica que o relatório britânico ao conselho da Liga das Nações, datado no mesmo ano, descreveu bárbaros confrontos entre árabes palestinos e judeus imigrantes que pouco a pouco culminaram em uma violência generalizada seguida de uma greve geral.

A narrativa sobre a resistência árabe também recai sobre os grupos em constante conflito. Era preservada uma retórica entre os cuidados do corpo social e a necessidade do estabelecimento da nação. Sorek (2003) descreve a intensificação de um ideal de aproximação entre a obediência civil, a submissão às instruções de Deus e a autodisciplina exigida pelo esporte e com isso era incentivada em igualdade a aderência aos esportes, às ciências e à fé.

O esporte já em crescimento recebeu um grande impulso. Porém, como consequência à negação da identidade nacional palestina por meio do plano de substituição da nação nativa, o historiador israelense Sorek (2003) estima que o esporte começou a realmente florescer na região nos anos 1940. O autor indica ainda que apesar do investimento das elites locais, o potencial local não teve forças para enfatizar os dramas dos conflitos nacionais.

Sorek (2003) e Dorsey (2016) indicam que, basicamente, após a instalação do Estado de Israel, a ligação dos palestinos com a própria identidade nacional foi sendo subvertida de forma a operar no esporte local sob o engodo de uma “identidade profissional” correspondente aos clubes sionistas para inibir a ligação entre esporte e consciência nacional.

Para Dorsey (2016), os usos que os sionistas fizeram das práticas corporais neste período apresentaram-se inicialmente inspirados pelo movimento ginástico alemão de Friedrich Ludwig Jahn, que se havia organizado no início do século XIX a partir de uma clara vinculação ao nacionalismo (GUTTMANN, 1994; QUITZAU, 2015). Torna-se interessante observar certa contradição que existe nesta influência, considerando-se que o discurso nacionalista promovido por Jahn tinha um tom xenófobo e que alguns estudiosos consideravam um antisemita (POLIAKOV, 1968; 1974).

O impacto da ginástica alemã na região foi descrito por Dorsey (2016) como florescente em um “terreno fértil” dentro do sionismo judeu em plena fase de militarização. O movimento surgiu em meio a uma batalha nacional e serviu ao propósito de apertar laços entre sionistas na Palestina e a diáspora judaica e projetar judeus como uma nação e a Palestina como sua pátria.

Independentemente destas contradições, foi neste meio que o fenômeno esportivo foi incorporado de uma forma a chamar a atenção dos palestinos, que passaram a vincular o desenvolvimento nacional com o desenvolvimento esportivo e a incorporá-lo como um possível elemento identitário (DART, 2017; 2019). Neste sentido, o esporte passou também a ser utilizado como um meio de resistência pelas autoridades da Palestina.

A utilização do esporte como importante meio de intermediar a resistência emergiu com as instituições esportivas apontando para a sustentação das relações sionistas com seus aliados britânicos. Tal situação foi descrita por Khalidi e Raab (2017) como uma ampliação da esfera de influência e apoio transferido dos ministérios das autoridades britânicas ao chão das cidades palestinas por intermédio do esporte que ali era desenvolvido.

Nas partidas de futebol, por exemplo, foram criadas as condições de apoio mútuo entre o exército da ocupação inglesa e os novos colonos sionistas. As pequenas associações atléticas distribuídas em várias cidades palestinas corroboraram potencialmente com o estabelecimento e organização política dos novos colonos. Com a questão palestina coincide outra questão, a esportiva, que emergiu em meio ao controle e expansão sionista e com as facilidades do percurso orientalista. Fator que caracteriza os efeitos que se seguem até a atualidade, sejam eles contínuos e/ou contrários. Em meio ao conflito precedente, a constatação do domínio gradual iniciado nas plataformas esportivas, o cultivo e a promoção de interesses políticos internos refletiram o início das negociações coloniais integradas ao esporte moderno na Palestina (KHALIDI, 2006; 2014).

Khalidi (2014) argumenta que a Palestina testemunhava nesse momento – ou seja, a partir da década de 1940 – a expansão dos clubes sociais com conotação esportiva; logo interiorizados pelos nativos e instrumentalizados como componente do desenvolvimento social, as associações esportivas figuraram elementos de uma cultura nacionalista. Nesta grande arena de negociação existente nas grandes entidades esportivas como o Comitê Olímpico Internacional o conceito de nação, conforme sublinha Terret (2019), torna-se algo bastante presente. A nação moderna foi descrita por Hobsbawm (1990) como uma comunidade que compartilha interpretações do passado e aspirações do futuro. É importante também ressaltar que o historiador britânico identificou esses vínculos como entidade social apenas quando relacionada a uma certa forma de Estado territorial moderno, o ‘Estado-Nação’, e por isso não faz sentido discutir nação e nacionalidade fora dessa relação.

Amara (2014) argumenta que no período de transição rumo à independência, o esporte caracterizou-se como mobilizador do processo de legitimação de Estado a gosto dos líderes dos países, promovendo suas figuras e projetos de desenvolvimento. O autor lembra que se destacaram também os usos do esporte como ferramenta de integração e desenvolvimento no âmbito de políticas externas. Amara (2014) e Dart (2017; 2019) indagam que o reconhecimento da Palestina pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1993 e pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) em 1998 foi celebrado tanto pela autoridade palestina como pela sua comunidade, representando um passo em direção ao seu reconhecimento pela Organização das Nações Unidas (ONU)⁴.

O fenômeno esportivo também começava a se desdobrar como um espaço para oposições populares em diversos países árabes. Tanto que usos sociais alternativos foram indicativos da inserção do esporte em seu caráter cultural já estruturado, substituindo o esboço meramente colonial. Amara (2014) aponta como evidência dessa transposição a derrota do presidente Hosni Mubarak, no Egito, em 2014, visto que diante de um Estado ditatorial desabrochou a Primavera Árabe. Associações ou sindicatos não eram permitidos no país para não criar organizações políticas potencialmente opositoras ao governo. Entretanto, no contexto da Primavera Árabe, até as torcidas organizadas de futebol, que não representavam nenhuma ameaça ao governo, mostraram-se altamente militantes e extremamente politizadas, tendo papel crucial na queda do governo egípcio e nas diversas revoltas populares árabes iniciadas em 2011. Dorsey (2016) aponta que durante os conflitos, a partir dos “Ultras” (torcidas organizadas de futebol da Tunísia e do Egito, que até então nunca haviam se envolvido num enfrentamento político fora dos estádios), diversas outras torcidas unificaram-se formalmente e, inspiradas pelo anarquismo e hooliganismo, constituíram um dos vetores de força da revolução egípcia.

Schiocchet (2011) aponta que a Primavera Árabe se valeu de lições históricas que levaram médio-orientais, sobretudo árabes, às revoltas iniciadas em meados de 2011. Esses poderes

geraram uma revolta, uma pressão popular contra os Estados Nacionais, as fronteiras artificiais e excedentes do histórico colonial em geral. O esporte moderno, utilizado para fomentar o estabelecimento dos Estados Nacionais nos anos posteriores à dissolução do Império Otomano e à formalização dos acordos de ocupação, foi o mesmo que impulsionou a organização da revolta no começo da segunda década do século XXI.

Esse quadro pode ser fundamental para ajudar a visualizar um esquema governamental que salvaguarda fronteiras coloniais ao seu interesse através do esporte como instrumento de identificação nacional, modelo visivelmente contestado durante a Primavera Árabe no Egito. Outrora um forte elemento político utilizado para a consolidação dos Estados Nacionais, o esporte passou a constituir-se em transições irregulares, estruturando novas dimensões culturais que contestavam este modelo.

A manutenção dos estados coloniais através do esporte não foi capaz de romper com a função de uma cultura nacional que ela mesma acionou, uma comunidade imaginada que se estendeu para além da malha territorial, criando uma atuação de dimensão crítica ao atrelar-se as continuidades históricas inscritas na cultura do colonizado. Schiocchet (2011) lembra que a Primavera Árabe desafiou o que se sabia sobre o Oriente Médio e representou uma continuidade de seus processos sociais, desejo de autonomia e autossuficiência. Por sua vez, o papel do esporte no conflito da Primavera Árabe indicou pontos de embate entre a identidade nacional e pertencimento à nação. Para Nasser (2011, p. 157), as mobilizações pelo processo de independência surgido pela primavera árabe demonstram que: “(...) apesar de desvinculado do antigo projeto nacionalista, o imaginário de uma identidade árabe continua com vigor e pode ser unificador potencial contra possíveis tendências de desintegração e de intervenção estrangeira na região”.

A geografia territorial negociada de forma hierarquizada não rompeu e/ou substituiu as fronteiras geograficamente imaginadas, elas mantiveram-se na associação da identidade do povo árabe, mesmo ancoradas em uma memória colonial. Segundo Hobsbawm (1995), a característica mais marcante do século XX pode ser medida na tensão entre o acelerado processo de globalização e a incapacidade das instituições públicas, bem como do comportamento coletivo se adequarem a ele da forma premeditada. Nesse sentido, o esporte estabelecido como projeto de integração e autonomia sob a bandeira de progresso e desenvolvimento nacional readequou-se a partir da interpretação concebida pela significante geografia imaginária. O elemento esportivo foi apropriado como meio de contraposição aos regimes estabelecidos a partir do jugo colonial, neste espaço de negociação entre governo e população. A *performance* esportiva foi publicamente substituída no advento da Primavera Árabe pelo desempenho de comunidade política árabe movida por sentimentos anticoloniais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sistemas políticos implementados no Oriente Médio no período da dissolução do Império Otomano por potências europeias em meados de 1923, valeram-se de estratégias para delimitar e transformar territórios em Estados-Nação. Essa apropriação europeia estabeleceu uma descontinuidade na medida em que reformou invasivamente tal área, substituindo relações e mudando radicalmente o mapa da região.

Nota-se que o esporte moderno, introduzido nesse período para intermediar essa ação diante das novas fronteiras, evidenciou a proposta da manutenção dos novos governos, identificação com as fronteiras e distintas identidades nacionais e implementação de um ideário de modernidade e progresso na região. A fragmentação territorial através dos mandatos coloniais obstruiu uma ordem narrativa, logo se tornando marcadora de uma consciência nacional relativa ao período anterior. Ao interagir com essa concepção, disputas internas manifestaram na linguagem esportiva discursos de contestação, ou seja, ocorreu uma apropriação do esporte moderno, que adquiriu uma nova função, constituindo um espaço de crítica.

Conforme Hall (2011), de todo o processo globalizante surgem identidades plurais e fragmentadas pelo processo de descontinuidade. A multiplicidade do esporte moderno demonstra seu potencial como elemento universalizante em sua dinâmica, porém passível de diversas interpretações na transculturação do seu discurso. Apresenta-se um novo vocabulário cultural

revelado nas circunstâncias em que é negociado, reinventado nas particularidades de devida sociedade e na relação com o imaginário geográfico.

A primavera árabe delinea um episódio exemplar no que diz respeito às narrativas geopolíticas alinhadas ao discurso esportivo. As transformações do elemento esporte moderno introduzido para facilitar manobras políticas coloniais em dado período, sustentou mobilizações organizadas de forma inovadora. A improvisação de condições passíveis para as manifestações e confrontos iniciais deu-se através das lógicas esportivas e encontrou nelas uma forma lícita de expressão em meio às ditaduras presentes no Oriente Médio.

As exigências por participação ativa em um processo político e democrático foram evidenciadas na região e o descontentamento popular gerou uma demonstração pública do processo de transculturação esportiva permeado entre o Império Otomano e a Primavera Árabe. Neste sentido, apesar de o esporte ter sido utilizado como ferramenta de influência e poder durante a expansão colonial e industrial francesa e britânica no Oriente Médio, sua recepção ultrapassou os moldes definidos pelos europeus, reformulando-se e servindo como meio de transgredir o discurso colonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARA, Mahfoud. *Sport, politics and society in the Arab world*. London: Springer, 2012.
- AMARA, Mahfoud. Sport and political leaders in the Arab world. *Histoire@ Politique*, n. 2, p. 142-153, 2014.
- COHEN, Hillel. *The rise and fall of Arab Jerusalem: Palestinian politics and the city since 1967*. New York: Routledge, 2011.
- DART, Jon. Showing Israel the red card. Activists engaged in pro-Palestinian sport-related campaigns. *International Journal of Sport Policy and Politics*, v. 9, n. 3, p. 521-539, 2017.
- DART, Jon. Sport and peacebuilding in Israel/Palestine. *Journal of Global Sport Management*, p. 1-22, 2019.
- DORSEY, James M. *The Turbulent World of Middle East Soccer*. Oxford University Press, 2016.
- GUTTMANN, Allen. *Games and Empires: Modern Sport and Cultural Imperialism*. New York: Columbia University Press, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HENRY, Ian P.; AMARA, Mahfoud; AL-TAUQI, Mansour. Sport, Arab nationalism and the Pan-Arab games. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 38, n. 3, p. 295-310, 2003.
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KHALIDI, Issam. Body and Ideology: Early Athletics in Palestine, 1900 - 1948. *Journal of Palestine Studies - Jerusalem Quarterly*, v. 27, p. 27, 2006.
- KHALIDI, Issam. Sports and Aspirations: Football in Palestine, 1900-1948. *Journal of Palestine Studies - Jerusalem Quarterly*, v. 58, p. 74, 2014.
- KHALIDI, Issam; RAAB, Alon K. Palestine and the Olympics—A History. *The International Journal of the History of Sport*, v. 34, n. 13, p. 1403-1417, 2017.
- KUMMELS, Ingrid. Anthropological perspectives on sport and culture: Against sports as the essence of western modernity. *Sport Across Asia: Politics, Cultures, and Identities*, p. 11-31, 2013.
- MENDES, Claudinei Magno Magre. O ensaísmo na historiografia brasileira. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 34, n. 1, p. 91-100, 2012.
- MORAES E SILVA, Marcelo et al. Similitudes y diferencias en la historiografia del deporte en Brasil y Francia: un diálogo con “Histoire du sport” de Thierry Terret. *Anuario de la Escuela de Historia*, n. 33, p. 8, 2020.
- NASSER, Reginaldo Mattar. Turbulências no mundo árabe: rumo a uma nova ordem? *Revista Tempo do Mundo*, v. 3, n. 2, p. 141-167, 2011.
- POLIAKOV, Léon. *De Voltaire a Wagner: história do anti-semitismo III*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

- POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- QUITZAU, Evelise Amgarten. Da ‘Ginástica para a juventude’ à ‘A ginástica alemã’: observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 37, n. 2, p. 111-118, 2015.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SAID, Edward W. *A questão da Palestina*. São Paulo: Unesp, 2009.
- SCHIOCCHET, Leonardo. Extremo Oriente Médio, admirável mundo novo. *Revista Tempo do Mundo*, v. 3, n. 2, p. 37-81, 2011.
- SOREK, Tamir. Palestinian nationalism has left the field: a shortened history of Arab soccer in Israel. *International Journal of Middle East Studies*, v. 35, n. 3, p. 417-437, 2003.
- STEVENSON, Thomas B.; ALAUG, Abdul-Karim. Football in Yemen: Rituals of resistance, integration and identity. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 32, n. 3, p. 251-265, 1997.
- TERRET, Thierry. *Histoire du Sport*. Paris: Presses Universitaires de France, 2019.

NOTAS EXPLICATIVAS

- ¹ Império que teve seu predomínio em 1281 encontrando o colapso em 1918. Seu domínio chegou a conquistar o norte da Argélia, a Tunísia, quase toda a Líbia, Israel e os territórios ocupados, o Líbano, a Jordânia, a Síria, a Turquia, a Grécia, os Balcãs, o Cáucaso, as pontas noroeste e leste do Irã, o Iraque, o Kuwait, a maior parte do Iêmen e uma faixa ao leste e outra ao norte da Arábia Saudita. Seu encerramento formal se deu através dos tratados internacionais de partilha ocorrido em 1923 (HOURANI, 2006).
- ² Termo utilizado por Said (2009, p. 16), para definir os conhecimentos políticos parciais de princípio colonizador supostos sobre o Oriente.
- ³ Schiocchet (2011) utiliza-se de um senso de continuidade para apontar a ligação “geográfica imaginada” no Oriente Médio do momento pós-colonial à Primavera Árabe.
- ⁴ Reconhecido a partir de 1995 como estado observador não membro, *status* que representa um reconhecimento diplomático formal, ainda que simbólico na direção do pleito por um estado.

Recebido em junho 2021
Aprovado em Outubro de 2021